



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM PSICOPEDAGOGIA
ESCOLAR – GEPPE**

IV CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR

**“O conhecimento psicopedagógico e suas interfaces:
compreendendo e atuando com as dificuldades de
aprendizagem”**



ANAIS DO EVENTO

ISSN: 2179-7978

09 A 12 DE NOVEMBRO DE 2015

Os conteúdos dos textos são de responsabilidade de seus autores

RODA DE CONVERSA: DIALOGANDO E COMPARTILHANDO COM PACIENTES EM HEMODIÁLISE HC-UFU

Jodi Dee Hunt Ferreira do Amaral

jdhpesquisa@yahoo.com.br

Pérsia Karine Rodrigues Kabata Ferreira

persiakarine@netsite.com.br

Universidade Federal de Uberlândia

O presente texto descreve um trabalho psicoeducativo, *Roda de Conversa: Compartilhando e Dialogando com pacientes em Hemodiálise HC-UFU*, desenvolvido no Setor de Hemodiálise do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU). O objetivo do mesmo constitui em discutir temas de demanda da população alvo, bem como compartilhar as experiências dos participantes promovendo assim, a construção de novos conhecimentos e resultando em ressignificações que possam otimizar seu autoconhecimento e bem estar biopsicossocioespiritual. O projeto *Roda de Conversa* nasceu de trocas de experiências e discussões de casos clínicos partilhados entre a equipe multiprofissional, sobre a difícil realidade que o paciente renal crônico enfrenta no seu cotidiano, a limitação hídrica e alimentar que conseqüentemente leva a restrições psicossociais. O trabalho em grupo *Roda de Conversa*, teve início em setembro de 2014, e continua sendo desenvolvido. Objetiva-se ser um espaço para expressão emocional e afetivo entre pacientes e equipe, como também possibilita escuta atenta e inclusiva e ainda partilha de vivências e conflitos. Foram entrevistados, através de uma ficha investigatória, os pacientes em programa de hemodiálise no HC-UFU, pela psicóloga e psicopedagoga. Os dados colhidos revelaram temas de interesse dos referidos sujeitos que embasaram o desenvolvimento do projeto. Os pacientes revelaram interessar por conhecer mais sobre transplante (Como? Quando? Por quê?) e suas implicações, como também muitas dúvidas sobre o tratamento dialítico, embora muitos desses já estivessem neste setor por mais de 05 anos. Além destes temas, os dados colhidos mostraram que grande parte dos pacientes buscava saber mais sobre os assuntos: ansiedade, depressão, relações com família, tristeza e outros. Assim, na busca de criar um trabalho interdisciplinar que contemplasse tanto as necessidades apontadas pela equipe multiprofissional como também as, dos próprios pacientes, iniciou-se o grupo *Roda de Conversa* com os pacientes no Setor de Hemodiálise com uma abordagem psicoeducativa. O grupo terapêutico “*Roda de Conversa*” tem sido salutar, pois promove a partilha, a identificação com a dificuldade e as características do outro, a relativização de seu problema diante da constatação da problemática alheia e a ampliação de visão, renovada, sobre si mesmo e a vida. Foi possível constatar isso, através dos relatos verbais dos pacientes e equipe: “Quando vai ser a próxima roda de conversa?” (demonstrando a expectativa quanto à realização do grupo), “A gente fica pensando nas coisas que vocês falam a semana inteira” (denotando o exercício reflexivo), “A gente aprende muito” (mostrando a construção de conhecimento).

Palavras-chave: Psicoeducativo. Grupo. Hemodiálise.

Eixo temático: Atuação psicopedagógica na clínica

RODA DE CONVERSA: DIALOGANDO E COMPARTILHANDO COM PACIENTES EM HEMODIÁLISE HC-UFU

Jodi Dee Hunt Ferreira do Amaral¹

jdhpesquisa@yahoo.com.br

Pérsia Karine Rodrigues Kabata Ferreira²

persiakarine@netsite.com.br

Universidade Federal de Uberlândia

Palavras-chave: Psicoeducativo. Grupo. Hemodiálise.

Eixo temático: Atuação psicopedagógica na clínica

Introdução

O presente texto descreve um trabalho psicoeducativo, *Roda de Conversa: Compartilhando e Dialogando com pacientes em Hemodiálise HC-UFU*, desenvolvido no Setor de Hemodiálise do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU). O objetivo do mesmo constitui em discutir temas de demanda da população alvo, bem como compartilhar as experiências dos participantes promovendo assim, a construção de novos conhecimentos e resultando em ressignificações que possam otimizar seu autoconhecimento e bem estar biopsicossocioespiritual.

O projeto *Roda de Conversa* nasceu de trocas de experiências e discussões de casos clínicos partilhados entre a equipe multiprofissional, sobre a difícil realidade que o paciente renal crônico enfrenta no seu cotidiano, a limitação hídrica e alimentar que consequentemente leva a restrições psicossociais.

Relatos dos profissionais indicam várias queixas, desde as mais simples até as mais prejudiciais, como: falta à sessão de diálise, transgressão da dieta, não seguimento da medicação recomendada, reclamações frequentes, projeção (o problema está na máquina ou equipe, sempre fora do paciente). Para alguns destes profissionais, certos pacientes são de impossível acesso, ou seja, veem “estes pacientes difíceis” como algo intransponível.

Todos esses questionamentos instigaram os profissionais do serviço psicológico e psicopedagógico a rever o trabalho desenvolvido neste setor, como também a pensar caminhos que pudessem ressignificar a vida desses sujeitos (pacientes) e ainda,

¹ Psicóloga da Gerência de Psicologia e Psicopedagogia da Saúde-Hospital de Clínicas-UFU Mestre em Imunologia e Parasitologia Aplicadas, Doutoranda em Psicologia pela PUCCAMP.

² Psicopedagoga da Gerência de Psicologia e Psicopedagogia da Saúde – Hospital de Clínicas-UFU-Mestre em Educação pela FACED-UFU.

compreendê-los na sua multidimensionalidades enquanto ser humano (física, social, psíquica e espiritual).

Ao longo do trabalho com estes pacientes em diálise, foi possível verificar que a maioria dos pacientes faz uma correlação do seu adoecer com algum acontecimento significativo em sua vida. Também se constatou que a situação necessariamente não precisa ter ocorrido logo antes da doença, pode ter acontecido há anos. Diz o educador Rubens Alves

A doença não é uma invasora que, vinda de fora, penetra o corpo à força. A verdade é o contrario. Ela é uma filha do corpo, uma mensagem gerada em suas funduras, e que aflora a superfície da carne, da mesma forma como bolhas produzidas nas funduras das lagoas afloram e estouram nas superfícies das águas. A doença tem uma função iniciática: por meio dela se pode chegar a um maior conhecimento de nos mesmos. (ALVES, 2008, p.233).

Apesar de o hospital e o fenômeno doença serem armazenados, muitas vezes, como experiências que representam um sabor amargo, há um desafio para a equipe multiprofissional, em especial o psicólogo e o psicopedagogo, que se traduz na promoção do encontro de afetos. É uma ação pensada não apenas como instrumentalização técnica, mas como uma atitude de escuta às expectativas. Nos dizeres de Porto

[o] adulto fica impedido de suas atividades laborativas, a angústia, o medo, a morte estão em uma constante no seu período de hospitalização. Cabe ao psicopedagogo, dependendo de cada caso, fazê-lo reaprender determinados comportamentos e atuar na autoestima (PORTO, 2008, p. 84).

Resende *et al.* (2007) destacam a importância da intervenção psicológica com os pacientes de doença renal crônica no que diz respeito a busca de soluções para as limitações provenientes da doença e tratamento e reitera o seu papel junto a equipe multidisciplinar para garantir o curso do tratamento. Igualmente Pascoal *et al* validam a inserção do psicólogo na equipe multidisciplinar e enfatizam o trabalho da ressignificação de vários aspectos na vida dos pacientes.

Para tanto, discutiu-se a possibilidade de realizar um trabalho em grupo com esses pacientes durante as sessões de dialise, o que representaria um desafio para o serviço psicológico e psicopedagógico, tendo em vista as limitações do paciente durante a

sessão e as peculiaridades do mesmo quando submetido à máquina de hemodiálise. Os pacientes no período em que estão ligados à máquina permanecem em posição de decúbito, sendo comum um braço ser imobilizado pela fistula aonde é realizado o procedimento. Assim frequentemente sentem-se sonolentos, apresentam oscilações da pressão sanguínea (hipotensão/ hipertensão) e outras intercorrências.

Com intuito, de estabelecer um espaço que despertasse o interesse dos pacientes, embora ligados à máquina de hemodiálise, acreditava-se que isto poderia gerar uma expectativa, durante a sessão de diálise, de estarem inseridos num processo de movimento de aprendizagem, de transformação contínua. Como mostra Brandão

Eu, uma pessoa: esse instrumento afetuosamente subjetivo e, talvez por isso mesmo, o mais desafiadoramente confiável. Imperfeito e aperfeiçoável, sou para mim mesmo e no diálogo com os outros uma pessoa vocacionada a fazer-se crer através do que e de como se conhece quando interage consigo mesma e com os outros. Através de como aprende a trabalhar com seriedade e criativo rigor as suas próprias percepções; através de como transforma vivências metodologicamente interativas em registros de fatos e de dados (BRANDÃO, 2003, p. 48).

E é nestas vivências interativas que o processo de grupo permite a escuta terapêutica, que tem amplo efeito curativo, conforme nos mostra Carl Rogers

Constato, tanto em entrevistas terapêuticas como nas experiências intensivas de grupo que me foram muito significativas, que ouvir traz consequências. Quando efetivamente ouço uma pessoa e os significados que lhe são importantes naquele momento, ouvindo não suas palavras, mas ela mesma, e quando lhe demonstro que ouvi seus significados pessoais e íntimos, muitas coisas acontecem. Há, em primeiro lugar, um olhar agradecendo. Ela se sente aliviada. Que falar mais sobre seu mundo. Sente-se impelida em direção ao novo sentido de liberdade. Torna-se mais aberta ao processo de mudança. Tenho notado frequentemente que quanto mais presto uma profunda atenção ao significado de uma pessoa, mais acontece que relatei. Quando percebem que foram profundamente ouvidas, as pessoas quase sempre ficam com os olhos marejados. Acho que na verdade trata-se de chorar de alegria. E como se estivesse dizendo: “graças a deus, alguém me ouviu. Há alguém que sabe que significa estar na minha própria pele”. Nestes momentos, tenho tido a fantasia de estar diante de um prisioneiro em um calabouço, que dia após dia transmite uma mensagem em código Morse: “ninguém está me ouvindo? Tem alguém aí?”. E um dia, finalmente, escuta algumas batidas leves que soletram: “sim”. Com esta simples resposta, ele se liberta da solidão. Torna-se novamente um ser humano. Há muitas, muitas pessoas vivendo em calabouços privados hoje em dia, pessoas que não deixam transparecer essa condição o que têm de ser ouvidas com muita

atenção para que sejam captados os fracos sinais emitidos do calabouço. (ROGERS, 1973, p.184)

Assim, na busca de criar um trabalho interdisciplinar que contemplasse tanto as necessidades apontadas pela equipe multiprofissional como também as, dos próprios pacientes, iniciou-se o grupo Roda de Conversa com os pacientes no Setor de Hemodiálise com uma abordagem psicoeducativa.

A psicoeducação é uma modalidade de tratamento profissional que integra intervenções psicoterapêuticas e educacionais. Ao contrario dos modelos tradicionais médicos, este modelo representa uma mudança de paradigma para uma abordagem holística, baseada na competência e enfatizando saúde, colaboração, enfrentamento e empoderamento. É baseada na capacidade e no tempo presente. Ainda segundo esta abordagem, o paciente é considerado parceiro junto ao profissional, baseado na premissa de que quanto mais conhecimento o cliente tem mais terá resultados positivos relacionados à saúde. A psicoeducação é uma das praticas baseadas em evidências mais eficazes em ensaios clínicos e programas na comunidade. É um modelo flexível que incorpora tanto informações específicas de doença quanto ferramentas para manejar circunstâncias relacionadas. Tem potencial amplo para muitas doenças e mudanças de vida variadas. LUKENS & MCFARLANE (2004).

A seguir encontram-se informações sobre a doença renal crônica que acomete a população contemplada neste trabalho.

Caracterização da Doença Renal Crônica (DRC)

A Doença Renal Crônica (DRC) é a perda lenta, progressiva e irreversível das funções renais. Com isso, faz-se necessária a realização de terapia renal substitutiva, a qual vai “substituir” parcialmente as funções dos rins, e prevenir a ocorrência de lesão em outros órgãos (CHALLINOR, 2008). Na maioria das vezes, o tratamento deve ser feito para o resto da vida, se não houver possibilidade de o paciente ser submetido a um transplante renal.

Dentre os métodos de terapia renal substitutiva temos a hemodiálise, que é um processo que tem como objetivos principais extrair substâncias tóxicas do sangue e remover o excesso de água. Este procedimento consiste na retirada do sangue do

paciente de maneira contínua, através de um filtro, que após a retirada das substâncias tóxicas, o sangue então dialisado retorna ao paciente (ALMODÓVAR et al., 2007).

O controle da pressão arterial também é efetuado durante a sessão, auxiliando a manutenção do equilíbrio de substâncias como sódio, potássio, ureia e creatinina. Sociedade Brasileira de Nefrologia (disponível em: <http://www.sbn.org.br/publico/hemodialise>).

A dependência de ambiente hospitalar, uso do cateter para hemodiálise, internações frequentes, procedimentos cirúrgicos são fatores que acometem estes pacientes.

Caracterização do local e população atendida

O Setor de Hemodiálise do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU) foi inaugurado em 29/11/2002 e possui capacidade para atender 56 pacientes adultos e oito crianças. Iniciou suas atividades atendendo clientes do Sistema Único de Saúde (SUS) com doença renal crônica. Naquela época oferecia a hemodiálise e diálise peritoneal como modalidade de terapia renal substitutiva. Posteriormente, a diálise peritoneal deixou de ser oferecida como opção dialítica e os clientes com indicação para este tratamento passaram a ser referenciados a outro serviço credenciado.

Os clientes assistidos pelo serviço são provenientes do município de Uberlândia e demais cidades pactuadas, dentre elas estão: Coromandel, Monte Alegre, Monte Carmelo, Romaria, Prata, Estrela do Sul e Nova Ponte. Os clientes fazem hemodiálise três vezes por semana com duração de três a quatro horas cada sessão.

São quatro turmas com sessões realizadas em dois turnos de trabalho: **1º)** turma - turno da manhã: Segunda/Quarta/Sexta-feira das 06h30min às 10h30min. **2º)** turma - turno da tarde: Segunda/Quarta/Sexta-feira das 12h30min às 16h30min. **3º)** turma - turno da manhã: Terças/Quintas/Sábado das 06h30min às 10h30min. **4º)** turma - turno da tarde: Terças/Quintas/Sábado das 12h30min às 16h30min. O setor funciona de segunda a sábado das 06h00min às 18h00min horas, com intervalo mínimo de uma hora entre cada sessão.

Metodologia

Foram entrevistados, através de uma ficha investigatória, os pacientes em programa de hemodiálise no HC-UFU, pela psicóloga e psicopedagoga. Os dados colhidos revelaram temas de interesse dos referidos sujeitos que embasaram o desenvolvimento do projeto.

Os pacientes revelaram interessar por conhecer mais sobre transplante (Como? Quando? Por quê?) e suas implicações, como também muitas dúvidas sobre o tratamento dialítico, embora muitos desses já estivessem neste setor por mais de 05 anos.

Além deste tema, os dados colhidos mostraram que grande parte dos pacientes buscava saber mais sobre os assuntos: ansiedade, depressão, relações com família, tristeza e outros.

Foi investigada a maneira pela qual os participantes gostariam que os referidos temas fossem abordados. A maioria deles citou a preferência por filmes e debates, seguido de palestra, dinâmica, música e gincana como forma de estar abordando os temas sugeridos.

Desenvolvimento

O trabalho em grupo *Roda de Conversa*, teve início em setembro de 2014, e continua sendo desenvolvido. Objetiva-se ser um espaço para expressão emocional e afetivo entre pacientes e equipe, como também possibilita escuta atenta e inclusiva e ainda partilha de vivências e conflitos. Busca fornecer subsídios de conscientização dos próprios sentimentos, pensamentos e ações e dos outros, assim ampliando a consciência sobre as possibilidades de vida e realização em favor de si mesmo e do outro, favorecendo assim, o estabelecimento de laços afetivos com o grupo e consequentemente estabelecer um suporte social.

Na discussão das rodas de conversas, todos pacientes e profissionais que compõe o setor (enfermeiros, técnicos de enfermagem, médicos, nutricionista etc.) podem expressar sentimentos e compartilhar pensamentos e opiniões.

Duas facilitadoras, a psicóloga e psicopedagoga, lotadas na Gerencia de Psicologia e Psicopedagogia da Saúde conduzem os encontros de forma segura, estimulando a participação dos envolvidos e gerenciando qualquer conflito emergente.

As rodas acontecem uma vez por mês. É apresentado um tema em comum, preparado anteriormente pelas facilitadoras, em cada um dos quatro turnos.

Cada encontro tem a duração em média 01 hora, sendo realizado durante a sessão de diálise, ou anterior à mesma na área de espera.

São utilizados histórias, texto, poesias, musica filmes, vivências lúdicas e afetivas e visualizações criativas e trabalhos em grupos.

Considerações

Assumindo que não é o meio externo que determina diretamente o conhecimento do sujeito, mas que este se constitui também na relação com outras pessoas, o grupo Roda de Conversa é um espaço de construção de conhecimentos, os quais podem resultar em conhecimentos variados, não planejados em decisões prévias. Busca-se, dessa forma, investir em propostas que permitam ao paciente alguma compreensão de sua condição e que promova o seu bem estar.

De acordo com as autoras deste trabalho, a proposta psicoeducativa “Roda de Conversa” tem sido salutar, pois promove a partilha, a identificação com a dificuldade e as características do outro, a relativização de seu problema diante da constatação da problemática alheia e a ampliação de visão, renovada, sobre si mesmo e a vida. Foi possível constatar isso, através dos relatos verbais dos pacientes e equipe: sendo “quando vai ser a próxima roda de conversa” (demonstrando a expectativa quanto a realização do grupo), “ a gente fica pensando nas coisas que vocês falam a semana inteira”(denotando o exercício reflexivo), “ a gente aprende muito” (mostrando a construção de conhecimento).

Referências:

ALMODÓVAR, A. A. B. et al. **Detecção de bactérias Gram-negativas não fermentadoras em água tratada para diálise**. Revista Instituto Adolfo Lutz, v.66, n. 2, p. 172-175, 2007.

ALVES, Rubem. **Sobre o tempo e a eternidade**. 13. Ed. campinas, SP: Papyrus, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Do número ao nome, do caso à pessoa, da solidão à partilha – Alguns dilemas e alternativas da pesquisa na educação. In: **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 31-66.

CHALLINOR, P. Hemodialysis In: _____. **Renal Nursing**. Tindall Elsevier: Ed Thomas, p. 181-222, 2008.

LUKENS, E.P. & MCFARLANE W.R. **Psychoeducation as Evidence-Based Practice: Considerations for Practice**. Research, and Policy. Brief Treatment and Crisis Intervention / 4:3 Fall 2004. p 205-225.

PASCOAL, M. et al . **A importância da assistência psicológica junto ao paciente em hemodiálise**. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582009000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 set. 2015.

PORTO, Olivia. **Psicopedagogia hospitalar: intermediando a humanização na saúde**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

ROGERS, Carl. **Um jeito de ser**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1973, p. 184.

RESENDE, M.C.; SANTOS, F.A.; SOUZA, M.M. e MARQUES, T.P. **Atendimento Psicológico a paciente com insuficiência renal crônica: em busca de ajustamento psicológico**. ISSN 0103 5665, Psic Clin Rio de Janeiro, v. 19.n. 2, p. 87-99, 2007.